

DA EXPOSIÇÃO NASCEU O MUSEU

Por MANUEL LOPES

Tudo começou em Outubro de 1987 quando o Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim, pretendendo dar continuidade a um trabalho de investigação e visualização em áreas de temática histórico-religiosa, decidiu dar início à criação e montagem da Exposição que intitulou: Ex-Votos Poveiros — um percurso geográfico da religiosidade e da arte popular.

Na sua preparação foram contactados mais de uma centena de centros devocionais e instituições museológicas espalhadas pelo País mas a única resposta, claramente positiva e entusiasmante que obtivemos foi a da Confraria de Nossa Senhora da Abadia, que, em reunião de Mesa de 14 de Novembro de 1987, deliberou ceder, por empréstimo, ao Museu toda a documentação disponível e utilizável, existente nas instalações do Santuário.

Em Março do ano seguinte dão-se os primeiros e seguros passos para a criação de uma nova Exposição, que não versará apenas o tema dos Ex-Votos mas procurará ampliar e aprofundar o conhecimento histórico e antropológico do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, com o qual, já desde o século XVII, se rastreia a devoção e a passagem das gentes poveiras.

Foi no contexto deste singular relacionamento religioso e histórico que o Museu da Póvoa organizou em Julho de 1988 a exposição: Santuário de Nossa Senhora da Abadia — memória religiosa e cultural de um centro de devoção mariana com oito séculos de história.

Deste modo se tornou possível apresentar e dar a conhecer o riquíssimo Património Cultural do Santuário, cuja conservação e preservação há muito vinha exigindo a criação de um núcleo museológico próprio.

A Exposição que se prolongou na Póvoa até finais de Março de 1990 teve pois o condão de despertar o interesse e revigorar o sonho antigo da fundação de um Museu, capaz de reunir, conservar e dar a conhecer todo um Património Religioso, Artístico, Histórico e Cultural gerado ao longo dos séculos num dos mais importantes centros de Devoção Mariana em Portugal.

As obras efectuadas no «Quartel» do lado Sul permitem, desde logo, albergar em boas condições de conservação e exposição todas as peças — escultura, pintura, cerâmica, metais, tecidos — e demais documentação iconográfica e bibliográfica que constitui a exposição temática e periódica organizada na Póvoa de Varzim.

Um Museu desta natureza far-se-á ao longo do tempo. E tanto mais quando um projecto cultural como este pretende não só reflectir a história e as vivências religiosas e culturais do Santuário, como também, alargar os seus horizontes ao estudo e conhecimento do passado histórico e do ambiente geográfico, etnográfico e antropológico das Terras entre Homem e Cávado.

Para que tal aconteça torna-se necessário que o Museu seja obra de todos. Que todos cooperem com as suas sugestões, ideias e ofertas. A dinâmica cultural de um Museu assenta, fundamentalmente, no enriquecimento progressivo das suas colecções graças a uma acção correcta e coerente no domínio das ofertas, doações, depósitos e aquisições acompanhada de um trabalho de pesquisa e recolha directa dos materiais museológicos que melhor sirvam os objectivos e o âmbito temático do Museu.

O Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim sente-se muito honrado em ter podido contribuir para a criação do Museu de Nossa Senhora da Abadia, trilhando os velhos caminhos de uma tradição de interesses e estudos que tem como vectores mais importantes a permanência de uma devoção religiosa e, complementarmente, a bibliografia poveira sobre o Santuário de Nossa Senhora da Abadia escrita pelos ilustres poveiros: Rocha Peixoto — Tabulae Votiva (1906); António dos Santos Graça — A Crença. Festas, Comarias e Promessas, in «O Poveiro» (1932) e Padre Mário César Marques — Ex-Votos de poveiros na Santuário da Abadia (1969).

MANUEL LOPES — Direcção do Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim

Devido à sua degradação

PN poderá ser desclassificado

Durante uma conferência de imprensa recentemente efectuada em Lisboa pelo partido ecologista «Os Verdes», o deputado André Martins revelou que «o Parque Nacional da Peneda-Ge-

rês aguarda ainda a elaboração de um plano de ordenamento do território, estando a União Internacional para a Conservação da Natureza a ameaçar com a sua desclassificação», acrescentando

que embora o Parque tenha sido considerado como zona protegida em 1971, «o alheamento, o desrespeito e a irresponsabilidade dos governos, ao longo destes anos, têm levado à sua degradação».

Aquele deputado anunciou igualmente que, dentro em breve, «Os Verdes» irão realizar um debate na região do Gerês «com vista a apurar as razões e perspectivas das popula-

(Continua na página 2)

Inaugurado o Museu de Nossa Senhora da Abadia

No último domingo, dia 22, no Santuário de Nossa Senhora da Abadia, houve festa grande: de manhã, a Festa da Senhora da Goma com missa cantada solene, sermão, e procissão; à tarde, inauguração solene do Museu de Nossa Senhora da Abadia com a presença do Sr. D. Eurico Dias Nogueira, arcebispo primaz, governador civil de Braga; vigário geral da Arquidiocese, cônego dr. Eduardo Melo; presidente da Câmara Municipal de Amares, eng. José Carlos Macedo; o presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim; o director do Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim, sr. Manuel José Ferreira Lopes; muitos benfeitores e irmãos da Confraria de Nossa Senhora da Abadia e vários milhares de visitantes do Santuário.

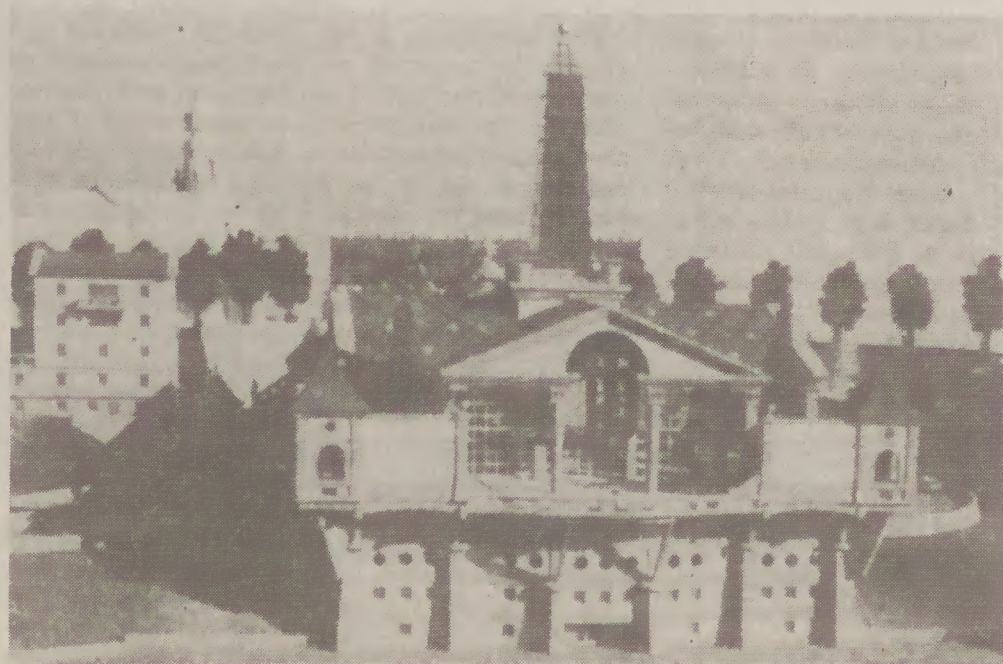


MUSEU DE NOSSA SENHORA DA ABADIA

Postal desenhado por José Veiga para comemorar a inauguração do Museu de Nossa Senhora da Abadia

EM S. BENTO DA PORTA ABERTA

CRIPTA IRÁ TRANSFORMAR SANTUÁRIO



Frontaria da cripta em construção

O santuário de S. Bento da Porta Aberta que, depois de Fátima, deverá ser o centro de peregrinação mais movimentado do nosso país, irá ser transformado por completo quando as obras de construção da futura cripta estiverem concluídas — o que se espera venha a suceder no final do próximo ano.

Este valioso empreendimento, cujos custos estão orçados em cerca de 300 mil contos, irá resolver, de uma vez por todas, a evidente falta de espaço coberto que o actual templo oferece aos inúmeros que aqui demandam nos

(Continua na página 2)

FALTA ESPAÇO PARA A BOA ADMINISTRAÇÃO DA SAÚDE EM AMARES

Desde há muito que nos habituamos a ler e a ver que os Serviços de Saúde do Concelho de Amares, centrados no Centro de Saúde respectivo, funcionam sob boa direcção e dão resposta satisfatória às exigências do sector.

É, porém tempo, de se rever a situação, e de se aquilatar se poderemos dizer durante mais tempo que tudo funciona a contento. Não está em causa a competência de quem dirige nem a de quem é dirigido. O caso é diferente. Há que ver até que ponto o insuportável é suportável, até que ponto se pode dizer bem do que não tem condições para ser bom.

O Centro de Saúde de Amares foi construído há cerca de 17 anos. O Concelho tinha então uns milhares de habitantes a menos. Pior do que isso, é que os meios de transporte, a acessibilidade, os agentes de saúde, etc., eram de tal maneira diferentes que sem receio de desmentido se pode dizer, que tudo somado, teríamos, então um movimento de metade do actual.

Já então, como se costuma fazer neste País, o

Centro foi feito rés-vés para as suas necessidades, acontecendo o que era previsível, o seu congestionamento, por exagerada procura, dos utentes da Saúde. Entretanto, outro ponto importante a ter em conta, foram surgindo novas valências, isto é, novos ramos de actividade, que ocuparam mais espaço.

O pessoal, como não podia deixar de ser cresceu na razão directa de todos esses factores, e sem andarmos a pesquisar, número a número, podemos dizer que triplicou, como aumentaram os aparelhos, as mobílias, etc.

E agora? Aquele que foi o Centro de Saúde de Amares, desafogado, aseado, arejado, com cada qual em seu sítio e todos a laborar como mandamos regras e a necessidade dos doentes, é um aglomerado de necessitados e um corredor exiguo de quem passa.

Os bancos laterais, estendidos por todos os corredores, completamente cheios. Como não chegam, aqui e ali, gente de pé, cansada, sofredora, com o peso da doença, mais o peso de avançada

idade, mais o peso do tempo enorme de espera, a esbranquear ainda mais os seus cabelos da cor da neve. Como tudo isto nos entristece quando vamos àquela casa. E não diga que é em certo dia da semana. É sempre, não tem hora de preferência, nem mês, nem dia.

Não faltam condições para sair disto. Excepto o querer de quem de direito, o andamento do processo respectivo, o tal despacho.

Avisadamente, com a visão certa de quem espera o futuro e o quer de frontar vitoriosamente, os que tiveram de pensar e realizar aquele imóvel, deixaram terreno lateral suficiente para futuras ampliações, para alargamentos à altura das necessidades que o tempo traria. E ali, se o quiserem, tudo pode ampliar-se para os lados ou para cima. Ecologicamente bem, urbanisticamente muito bem, consensualmente ainda melhor.

Aquele conjunto, livre de maus vizinhos, amplo e com artérias próprias, prefaz um conjunto com outra Instituição que em tudo se completam, se harmonizam. Até se com-

pletam sem se chocarem por estarem bem separadas e gozarem de amplas zonas de reserva.

Só falta a vontade dos homens, e, melhor dizendo, a Justiça dos homens.

E diz-se justiça porque os homens a quem estas coisas dizem respeito tinham obrigação de já ter reparado, de já ter agido, de já ter canalizado os meios para o efeito. Nem sequer podem dizer que está à espera de ocasião, porque por ocasião, dentro de uma ordem natural, já tinha tido direito a ela há muito tempo.

É muito mau para nós todos que uma coisa que foi digna de elogio, só seja revista quando merece reparos, quando semeia o sofrimento, quando já não agrada a ninguém, nem aos que trabalham, nem aos que devia servir. A saturação tem limites para além dos quais tudo é sofrimento e a paciência não pode usar-se quando significa desleixo. Assim queiram os que podem e têm responsabilidades evitar um mal maior do que o mal a que se chegou.

J. B.

EM S. BENTO DA PORTA ABERTA

CRIPTA IRÁ TRANSFORMAR SANTUÁRIO

(Continuação da página 1)

fins-de-semana e nas grandes romarias do Verão.

O projecto, da responsabilidade do arquitecto Luís Cunha, inclui a construção de uma plataforma, com 2880 metros quadrados que contém, sob a laje de pavimento e em parte da sua extensão, dois outros pavimentos que podem ser utilizados para estacionamento de carros ligeiros e para arrecadações do santuário e da estalagem.

Sobre essa plataforma, que estará nove metros abaixo do plano da actual esplanada, será construída uma grande cobertura sobre colunas, que permitirá albergar cerca de cinco mil pessoas em pé.

Para melhor protecção das pessoas, em dias de chuva ou de vento, prevê-se ainda a construção de paredes envolventes, em vidro, amovíveis por deslizamento vertical.

Por outro lado, o projecto inclui também um sistema de amplas e sua-

ves escadas e dois elevadores para pessoas idosas ou deficientes que ligará a plataforma do estacionamento com o nível da actual esplanada.

Além disso, está prevista ainda a construção de um arruamento que, passando a nascente do actual templo, dará acesso aos terrenos do lado Norte, onde a construção de alguns muros de suporte os irá transformar em plataformas de estacionamento ao ar livre.

Refira-se ainda que sobre o altar da nova cripta está prevista a construção de uma clarabóia em forma de obelisco que, como elemento vertical e semi-transparente, assinalará à distância o novo templo.

Finalmente, e para se fazer uma ideia mais aproximada da grandeza da nova cripta de S. Bento da Porta Aberta, refira-se que a cripta da basílica do Sameiro comporta 6.400 pessoas em pé, enquanto que aquela terá capacidade para cinco mil.

Devido à sua degradação

PN poderá ser desclassificado

(Continuação da página 1)

ções e entidades locais e regionais sobre os problemas que afectam o único parque nacional português».

O grupo parlamentar daquele partido apresentou também na mesa da Assembleia da República um projecto de resolução, no sentido de condicionar

a abertura da fronteira da Portela do Homem até à aprovação de um plano de ordenamento do PNPG e um projecto de deliberação para que a A.R. promova e organize, através da Comissão de Administração do Território e Poder Local e Ambiente, anda durante a presente sessão legislativa, um debate nacional sobre a

situação e o futuro deste Parque Nacional.

Na mesma conferência de imprensa, o ecologista João Silva referiu que «os estudos prévios do plano de ordenamento do PNPG foram já entregues às autarquias para retirarem os pareceres, mas as câmaras municipais não têm técnicos qualificados para darem pareceres, o que tem protelado bastante todos os trâmites».

Para João Silva, as populações que vivem nas áreas protegidas «sentem-se lesadas por viverem dentro de certas regras que o vizinho do lado não tem, só porque já não está abrangido».

As pessoas não vêm contrapartidas às limitações que lhes são impostas, acrescentando que «Os Verdes», e mesmo as direcções dos parques, «consideram esta situação gravíssima».

A slução apontada pelo PEV seria a atribuição de subsídios especiais para permitir às populações que vivam dentro de áreas protegidas o cumprimento da lei.

«Um manifesto alheamento do Governo» rela-

tivamente aos meios humanos e técnicos qualificados e aos instrumentos financeiros foi também alvo da crítica de «Os Verdes», pois «não se concebe que no PNPG existam apenas sete pessoas a cuidar do ambiente e que tenham que se deslocar de bicicleta ou de motos de 50 cms3».

Para «Os Verdes», os recém-criados «guardas da natureza» não vieram resolver os problemas humanos com que se debatem as áreas protegidas, pois «laboram em condições precárias e com um salário de cerca de 30 contos, sujeitando-se a trabalhar nos fins-de-semana».

AINDA E SEMPRE A FRONTEIRA

Entretanto, numa excelente reportagem, da autoria do jornalista Jorge Cordeiro, publicada na revista JND de 15 deste mês, com o título «Peneda-Gerês: a fronteira da discórdia», referia-se que «há já sinais evidentes de intoxicação ambiental no PN, concretamente «em musgos colhidos junto da fronteira da Portela do Homem denotou-se o depósito de substâncias hi-

drocarbonetadas, embora em teores mínimos».

Procurando dar uma visão alargada do problema, o autor da reportagem auscultou algumas individualidades entre as quais o presidente da Câmara de Terras de Bouro e o director do PN.

Segundo José Araújo «anda a desviar-se a atenção dos verdadeiros problemas do Parque—incêndios, invasões maciças de muitas áreas, praga de mimosas, caça furtiva, falta de estruturas adequadas ao meio—com o problema da fronteira. Quando todos os problemas estiverem resolvidos, nos provarem que a fronteira tem de ser fechada, não serei eu a opor-me. Só que não acredito nisso. O PNPG tem sido dirigido burocraticamente, tem-se degradado por falta de actuações da Direcção do Parque».

O ano passado um pavoroso incêndio consumiu vastíssimas áreas,

quase metade das matas, pondo em perigo o carvalhal. Se outro incêndio deflagrar, o PNPG fica nu. Que têm feito os serviços? Têm replantado? Têm combatido a praga das mimosas que estão a invadir toda a área?»

Numa versão naturalmente antagónica mas conciliadora, o director do PNPG, eng.º José Luís Gonçalves diria que «a tarefa é, neste momento, e dentro das nossas atribuições, refazer as ligações do PNPG com entidades escolares e científicas e cumprir um programa que estamos estabelecendo».

Porém, temos problemas: a mimosa, o automóvel e as multidões que invadem as melhores zonas, a ameaça de incêndios. Estamos a trabalhar no sentido de melhorar todas as relações e em não deixar que as condições se degradem. O que implica reformular muita coisa».

N. Veloso

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

Director:

PAULO FERRO

Redacção e Administração:

Santuário de Nossa Senhora da Abadia
Santa Maria de Bouro
4720 AMARES

Propriedade da Confraria de Nossa Senhora de Abadia

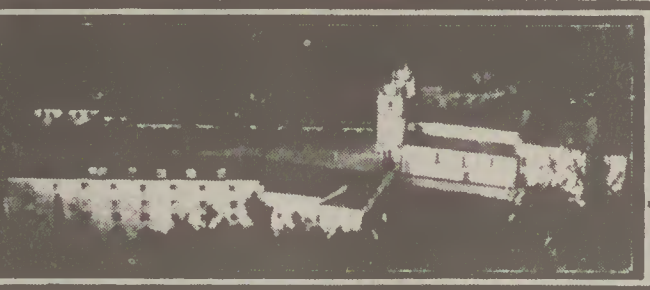
DEPÓSITO LEGAL N 12453 86

Composto e impresso: Editora Correio do Minho
Palácio Municipal de Exposições e Desportos (P.E.M.)
Telef. 22353-4703 BRAGA CODEX—Apartado 290

Assinatura anual: 1.000\$00
Número avulso: 40\$00

Visite o Santuário
de Nossa Senhora da Abadia
o Santuário mariano
mais antigo de Portugal

PELO SANTUÁRIO



O CONCELHO DE AMARES, A PARTIR DE HOJE, FICA MAIS RICO

— DISSE O ENG.º JOSÉ CARLOS MACEDO, PRESIDENTE DA CÂMARA DE AMARES, NA INAUGURAÇÃO DO MUSEU DE NOSSA SENHORA DA ABADIA

No dia 22 deste mês — o que já não acontecia há vários anos — a Câmara de Amares esteve maioritariamente presente no Santuário de Nossa Senhora da Abadia; neste dia, realizava-se a Festa da Goma e a inauguração do Museu.

Na oportunidade, o Eng.º José Carlos Macedo, proferiu as palavras seguintes:

O Convento da Abadia e seu termo é o bem material mais belo e representativo que o Concelho de Amares tem em toda a sua área geográfica. A Senhora da Abadia irradia a mais venerada força espiritual de toda a região de Entre Homem e Cávado.

Não podia, pois, a Câmara Municipal a que tão humildemente presido, deixar de se associar a este acto da inauguração do Museu de Nossa Senhora da Abadia, obra da Confraria que esforçada e esclarecidamente dirige este Santuário.

O Concelho fica a partir de hoje mais rico graças ao trabalho lúcido e esclarecido de quantos pensaram, dinamizaram e reuniram todos estes valores para que os povos possam num pequeno período de concentração, estudo e enlevo espiritual, reviver séculos de costumes, tradições e história.

Um povo é tanto maior quanto saiba rever-se, com o necessário culto espiritual nas páginas do seu passado, dando valor às grandes e pequenas coisas, certo de que todas elas formam o conjunto que há-de caracterizar e fazer a sua história.

As lágrimas de dor e alegria, os grandes con-

tentamentos e as grandes tristezas, os triunfos e as derrotas, formam a amálgama de acontecimentos que definem a ténpera de um povo.

Um estudo atento a este Museu dá-nos ideia do que foram, do que pensaram e do que fizeram as sucessivas gerações que nos antecederam e vai certamente ser o repositório dos novos tempos, das novas gentes e dos novos costumes e crenças que guiarão a humanidade no futuro. Tudo, temos a certeza, sob o manto maternal da Senhora da Abadia.

Na preparação e reunião de tantos e tão importantes documentos tem uma palavra de muito elogio a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Desde tempos imemoriais que os povos de Amares e da Póvoa de Varzim trocam serviços. Os de cá vão lá veranejar buscando algum lazer e cura para os seus padecimentos. Os de lá vêm cá de à séculos com acrisolada Fé rogar à Senhora da Abadia que os ampare. Parabéns e agradecimentos à Câmara da Póvoa de Varzim por quanto fez, mas, especialmente, pela maneira humana e espiritualmente certa como soube interpretar o sentir dos dois povos.

A Câmara de Amares, com profunda tristeza o digo, não tem dado a este Santuário a ajuda que ele merece. Não seria esta Câmara com três meses de vida, que o podia fazer. Mas já iniciamos a nossa contribuição. Estamos representados nos objectos expostos, cooperamos no asseio exterior e já contactamos a Mesa da Confraria para iniciarmos a nossa colaboração.

A prova de que esta Câmara vê todo o concelho e que em modo especial não esquece a Senhora da Abadia é a de que a Câmara se encontra aqui representada na sua maioria. A Câmara de Amares não irá esquecer este Santuário e o que estiver ao nosso alcance pois estaremos de portas abertas.

A Câmara está a preparar o projecto para que seja alargada a Ponte e a estrada beneficiada em grande extensão. Contamos em colaborar na construção da Variante que se pretende levar a efeito a sul do Santuário e estaremos atentos aos novos anseios e necessidades que surjam. É já nossa intenção fazer a limpeza, já a começar amanhã, da estrada de Bouro (S.ª Maria) à Abadia, para que todos aqueles que a visitam vejam a Abadia com limpeza e brio, para dignificarmos a Abadia e o Concelho. Iremos dar todo o apoio à Mesa da Confraria na elaboração de um catálogo em três idiomas explicativo do Museu.

Estamos todos em festa. Eu sinto esse contentamento de maneira especial: como presidente da Câmara, em cujo nome agradeço a quem tem trabalhado tanto e tão bem por esta jóia que é o Santuário de Nossa Se-

nhora da Abadia. Como confrade da Irmandade do Real Santuário a que pertencço há muitos anos.

Parabéns à Mesa da Confraria, parabéns à Igreja e que a Senhora da Abadia abençoe quantos ajudaram a esta Obra.»



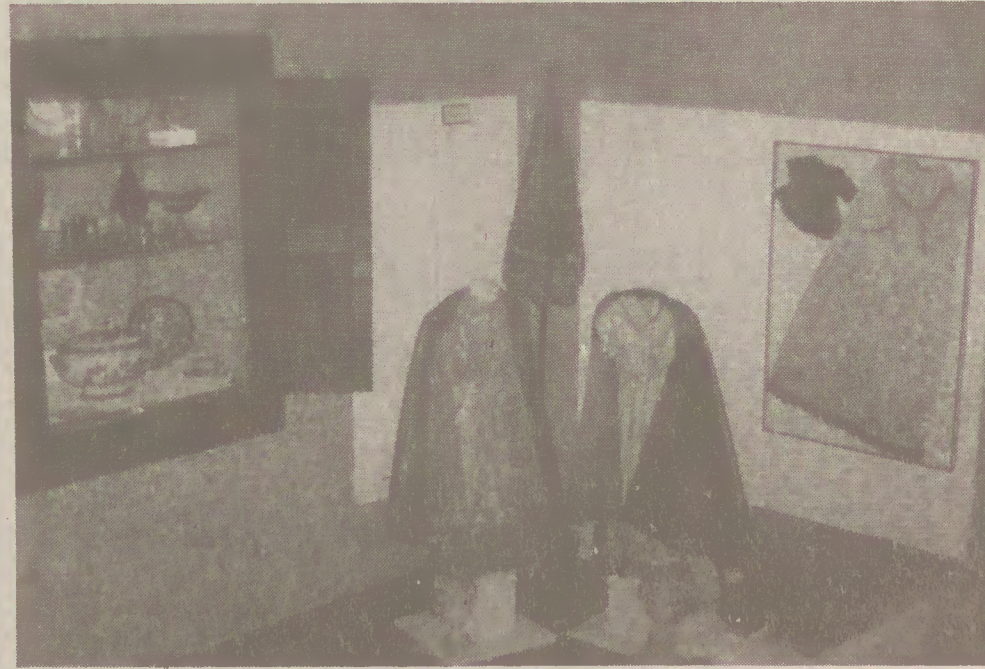
MUSEU DE NOSSA SENHORA DA ABADIA — Este casal de romeiros, vestidos com trajes poveiros, é uma das reconstituições que mais interesse vai despertar nos visitantes do Museu. Pode-se ver, além da condessa com os agasalhos para a viagem, os ex-votos em cera.



MUSEU DE NOSSA SENHORA DA ABADIA — Num dos albergues dos romeiros, conservou-se uma lareira com algumas das panelas e outros utensílios de cozinha. Muitos destes objectos foram oferecidos por pessoas amigas do Museu de Nossa Senhora da Abadia.



MUSEU DE NOSSA SENHORA DA ABADIA — Na sala A, e na passagem para o albergue dos romeiros, pode-se admirar estas duas belas imagens de Nossa Senhora: Nossa Senhora das Angústias e uma imagem de Nossa Senhora que, durante muitos anos, fez de Nossa Senhora da Abadia nas procissões.



MUSEU DE NOSSA SENHORA DA ABADIA — Na sala C, pode-se admirar alguns mantos e vestidos usados na imagem de Nossa Senhora da Abadia; apesar de a Imagem se apresentar com umas belas roupagens, durante muitos anos, houve o costume de a vestir. O Museu guarda vários mantos e vestidos utilizados para esse fim.

DO HOMEM AO CÁVADO...

Vieira do Minho

APROVADOS OS RELATÓRIOS DE ACTIVIDADES E CONTAS DE GERÊNCIA DA CÂMARA

A Câmara de Vieira do Minho apostou as contas de gerência e o relatório de actividades de 1989, tendo este recebido dois votos a favor e cinco abstenções.

Por outro lado, a Câmara decidiu também isentar do agravamento da taxa a pagar pelos responsáveis das construções clandestinas no concelho, todos aqueles que forem comprovadamente carenciados.

Esta decisão do executivo municipal foi motivada pelo facto de, após o agravamento em cinco vezes mais das taxas a pagar por tais pessoas, se tem chegado à conclusão de que, neste momento, a maioria das construções existentes nessas circunstâncias pertenciam a pessoas com fracos recursos financeiros, pelo que se entendeu que as mesmas deviam pagar a taxa mas sem a agravamento que, entretanto, tinha sido decidido.

UM POLI-DESPORTIVO NA VILA?

Integrado na futura rede-cooperativa de turismo

que se prevê seja legalizada durante o presente mês, a nossa Câmara está a projectar a construção de um poli-desportivo junto ao actual campo de futebol desta vila, no lugar da Cabine, o qual incluirá uma academia de desportos, duas piscinas um campo de mini-golfe e dois campos de ténis.

FALECIMENTO DO PÁROCO DE EIRA-VEDRA

Embora doente há já alguns anos, nada fazia prever a morte um tanto inesperada do Padre João Alves Pereira Clara, que pastoreava a freguesia de Eira Vedra, neste concelho, há vários anos.

A sua morte ocorreu no dia 8 de Abril, Domingo de Ramos, no Hospital de S. João, no Porto, tendo sido o seu funeral, no dia 10, em Rio Douro-Cabeceiras de Basto, terra da sua naturalidade.

Fruto das simpatias que soube granjear em vida, o funeral do Padre João Clara constituiu uma forte manifestação de pesar, com numeroso clero, entre as quais se destacavam os colegas do arcepiestado de Vieira, e suas Ex.^{as} Rev.^{mas} os Bispos Auxiliares de Braga e do Porto, respectivamente D. Carlos Pinheiro

e D. José Augusto Pedreira, este colega de curso do saudoso extinto. Presente também o eng.º Travessa de Matos, Presidente da Câmara deste concelho e muitos paroquianos.

No 7.º dia, na igreja paroquial de Eira Vedra, realizou-se uma concelebração presidida pelo nosso arcepieste, Rev. Dr. António Lima, à qual assistiram inúmeros paroquianos e o Presidente da Câmara, grande amigo do saudoso finado que contava 57 anos de idade. Paz à sua alma.

PARA QUE CONSTE...

A polémica surgida no Verão passado nas freguesias do Mosteiro e da vila relacionada com a permanência à frente dos destinos daquelas duas paróquias do respectivo pároco, apesar de ultrapassada, parece ter ainda deixado algumas sequelas.

Há pessoas que não se mostram satisfeitas com a paroquialidade, em «part time», do sacerdote que se «devide, entre Lisboa e Vieira, criando-se assim, situações embaraçosas como aquela que se registou na 2.ª feira de Páscoa em que, devido à ausência do pároco e à impossibilidade de outro colega o substituir, um funeral marcado para as 18.00 ho-

ras desse dia, teve de se efectuar às 20, quase ao lusco-fusco, e mesmo assim, com o recurso a um 3.º sacerdote que, para remediar tal situação, teve de correr, após uma estafante Visita Pascal nesse mesmo dia realizado numa freguesia próxima, para o Mosteiro, a fim de presidir ao funeral, ainda que com duas horas de atraso e com os naturais protestos de algumas pessoas presentes.

Pensão
UNIVERSAL

ABERTA TODO O ANO

Restaurante
EM
TERMAS
DE CALDELAS

Telefones 36236 / 36286
4720 AMARES

Terras de Bouro

CURSO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Promovido pela Delegação de Braga do Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas está a funcionar nas instalações da biblioteca da Câmara, em Covas, um curso de inglês, o qual terá a duração de seis meses e funciona duas vezes por semana, em horário pós-laboral, duas horas por dia.

COOPERATIVA AGRÍCOLA AUMENTA CAPITAL SOCIAL

Em reunião efectuada na passada 2.ª feira, dia 23, a Cooperativa Agrícola de Terras de Bouro (COATEB) procedeu ao aumento do respectivo capital social, tendo a direcção dado a conhecer aos cooperantes presentes a situação financeira da cooperativa, seus

encargos e a possibilidade do pagamento dos mesmos.

CÁ P'RA NÓS...

O Director-Geral da Administração Autárquica defendeu, por ocasião do primeiro encontro nacional dos boletins municipais há dias realizado em Santarém, a obrigatoriedade de as câmaras editarem boletins municipais.

É uma opinião que merece aplausos, sobretudo se, para além de tais boletins expressarem a divulgação de todas as decisões da autarquia, derem também oportunidade a que os respectivos municípios possam exprimir as suas críticas. O que, conforme será fácil de concluir, não deverá convir a muitos autarcas, convencidos como estão que «a voz do dono» deverá ser, unicamente, o exclusivo de toda e qualquer publicação do género que surja nos respectivos concelhos.

No caso concreto de Terras de Bouro, há até quem pense que, em face da pobreza económica que caracteriza a nossa autarquia, as despesas resultantes de um «futurível» boletim municipal são por demais desnecessárias e dispensáveis. Até porque, com reduzidas despesas(?) já existe quem, por um simples prato de lentilhas, publique «obras» estas que, até agora, não passaram dos projectos!

REUNIÃO DA CÂMARA MUNICIPAL

Na sua reunião ordinária realizada no dia 12 do corrente, a Câmara Municipal de Terras de Bouro tomou as seguintes deliberações:

Atribuir o subsídio de 150 contos à Associação Cultural da Ribeira; mandar executar a pavimentação do recinto da capela de S. Bento, em Travassos-Vilar; aprovar o projecto de construção de um reservatório para o abastecimento de água no Gerês e abrir concurso para a sua execução; aceitar a proposta da firma Mário Gonçalves, do Porto, para o fornecimento de tubos PVC; abrir as propostas de adjudicação da pavimentação do arruamento da variante do Gerês; adquirir à firma Sousa, Nasais e Pinho um carrinho de transporte do lixo no valor de 24 mil escudos, com IVA.

c.



Ofereça um pouco do seu SANGUE e sinta a alegria de ter salvo uma vida.

Cardoso da Saudade

- FATOS
- CALÇAS
- CASACOS
- BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

Cardoso da Saudade

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA



Amares, 02 de Abril de 1990

CARTA DIRIGIDA AOS NOSSOS QUERIDOS COMPATRIOTAS QUE VIVEM NO ESTRANGEIRO

Estimado amigo,

A Santa Casa da Misericórdia do Concelho de Amares, necessita urgentemente de uma Capela, ampla e digna da nossa Irmandade, que acompanhe o engrandecimento da nossa Instituição e as necessidades das gentes da nossa terra.

Estamos conscientes que o nosso bom amigo ou amiga, não deixará de contribuir financeiramente em seu nome, ou em nome dos queridos familiares que vivem cá em Portugal.

Estamos interessados no aumento e recrutamento de novos Irmãos da Santa Casa da Misericórdia e, como já dissemos, também um apoio financeiro para as grandes obras já em curso.

Para esse fim, a Mesa Administrativa resolveu organizar um sorteio com valiosos prémios e, fazer distribuir através do mundo algumas cadernetas e bilhetes em separado, V.ª Ex.ª é uma das pessoas que a Comissão Administrativa, resolveu convidar a dar o seu contributo e oferecer a compra, pelo menos deste bilhete.

Também foi decidido atribuir o título de BENEMÉRITO, inscrevê-lo num livro próprio, com o direito a receber um diploma de Irmão Benemérito e, o seu nome, numa lápide a descer na dita NOVA CAPELA, no dia da inauguração, a todo aquele ou aquela que fizer um donativo superior a 25.000\$00.

Agradecemos antecipadamente toda a Vossa boa colaboração e, as atenções que certamente nos serão dispensadas.

Com toda a consideração e estima,

A COMISSÃO DE ANGARIAÇÃO

DO HOMEM AO CÁVADO...

Gerês

OBRAS NA CAPELA

Embora em ritmo bastante lento, continuam as obras de restauro da nossa capela que, numa primeira fase, se estão a proceder na parte exterior. De seguida, passar-se-á à renovação total das paredes interiores, substituição da instalação eléctrica e colocação de novo sistema de iluminação, bem como reparação da sacristia e substituição do telhado.

O custo total destas obras está orçado em 2.200 contos.

MAIS UMA ENCHENTE DE TURISTAS

A quadra festiva da Páscoa foi, mais uma vez, aproveitada por largos milhares de turistas que escolheram a nossa terra para repousar durante alguns dias.

Registe-se que, à semelhança do que sucedeu noutras regiões do país, este ano verificou-se uma autêntica invasão de espanhóis no Gerês, grande parte deles —acentue-se— oriundos do centro e sul de Espanha.

VISITA PASCAL

Com a habitual solenidade, decorrem no passado dia 16 mais uma Visita Pascal na nossa terra, a qual, da parte de tarde, contou com os 2 compassos do costume.

O dia primaveril que se fez sentir, aliado à presença de muitos conterrâneos nossos a labutar noutras paragens, emprestaram à nossa Festa

da Páscoa um cunho muito especial que os geresianos apreciam e que, mesmo ausentes fisicamente, não esquecem. Famílias houve em que não faltou, durante aquele dia, o telefonema de membros seus a trabalhar no Brasil e na Inglaterra, mantendo as saudades e recordando, à distância, a Visita Pascal.

HOTEL MAIA

Pelos vistos, as diversas propostas que foram recebidas pelas proprietárias do Hotel Maia não atingiram os números que as fizessem entusiasmar. Consta até que o valor pedido pelas mesmas ronda os 300 mil contos.

Talvez pela inexistência, até agora, de possíveis interessados, aquele hotel foi recentemente posto à disposição para ser cedido para exploração durante a época termal, de Maio a Outubro. E mesmo assim, haverá interessados em explorá-lo? Aguardemos.

GERESIANOS INVADIRAM LISBOA

Por ocasião de jogo de futebol entre o Benfica e o Marselha, disputado no dia 18 do corrente, foram bastantes os geresianos que se deslocaram expressamente a Lisboa, quer num autocarro, quer de automóvel, para assistir àquele jogo.

O que, além de provar a existência de gente adepta

do futebol entre nós, revela também uma certa capacidade económica que se lamenta não ter a mesma aplicação, por exemplo, na recuperação do nosso Grupo Desportivo.

LIMPEZA PARA VALER?

Com o início da época termal no próximo dia 1 de Maio, as Termas do Gerês estão a preparar-se para mais um período de intenso trabalho.

Este ano, para além de uns pequenos consertos que se estão a fazer no balneário de 1.ª classe, há a registar a limpeza geral que o Hotel do Parque está a sofrer na sua fachada principal, enquanto que as velhas camionetas de passageiros que, há bastantes anos, «reponsavam» nos escombros do Hotel Moderno, estão a ser de lá retiradas para o ferro velho, de Braga. Deste modo, naquele área a nossa terra ficou mais limpa.

Também as velhas árvores da nossa avenida sofreram uma poda grande, o que irá resultar na falta de sombras no Verão e... por isso, com a falta de frondosa ramagem irão ficar a descoberto muitas misérias existentes em alguns prédios a ameaçar ruína.

Será que, sem a ramagem e... «com óculos», os serviços de fiscalização da Câmara enxergarão, agora, tal espectáculo desolador?

PERGUNTAR NÃO OFENDE...

Na nossa terra, estão na ordem do dia as represálias que o Presidente da Câmara de Terras de Bouro já iniciou a fazer em relação à junta desta freguesia.

Numa prova — mais uma... — de que a liberdade de expressão ainda é uma miragem cá para os nossos lados, a J.F. que, desde há vários anos, dispunha ao seu serviço de um tractor camarário e trabalhadores, viu-se, de repente e sem nada lhe ser dito, privada desses preciosos auxiliares na sua actividade, pois o próprio motorista do tractor foi directamente avisado pela Câmara que não recebesse ordens da Junta, mas apenas da Câmara.

O tesoureiro e o secretário da J.F. que, na impossibilidade do presidente, o tenta-

ram substituir em contactos com o executivo camarário não foram recebidos, tendo-lhes sido dito que só era recebido o respectivo presidente, apenas como tal e não como cidadão.

E mais: as retaliações são já de tal ordem que os serviços de fiscalização da Câmara — responsáveis pela proliferação de tantos mamarrachos nesta terra — embargaram as obras pertencentes ao nosso Presidente da Junta, invocando não disporem da distância legal relativamente a um caminho.

O povo já fala e segue com curiosidade o desenrolar desta novela. Mas, se perguntar não ofende, digam-nos lá: independentemente de se saber da oportunidade do comunicado que provocou toda esta polémica, será que o que nele se dizia é falso? E se não é, que razões haverá para justificar este

procedimento da Câmara?

Será que a velha sentença de Salazar «quem não é por mim é contra mim» continua a vigorar na cadeira do poder instalado em Covas?

ASSOCIAÇÃO «LÍRIO DO GERÊS»

A recém-criada Associação Cultural, Recreativa, Desportiva e Ecológica «Lírio do Gerês», a que oportunamente nos referiremos com maior profundidade, organizou as comemorações no Gerês do 16.º aniversário do 25 de Abril com a realização de uma prova de atletismo denominada «Corrida da Liberdade» e um torneio de tiro aos pratos.

Entretanto, aquela associação irá também comemorar o 1.º de Maio com a realização de jogos tradicionais.

C.

AS VERGONHAS DA NOSSA TERRA



Como teste à memória visual dos geresianos, poderíamos perguntar-lhes se, por acaso, serão capazes de adivinhar a que zona da nossa terra a gravura anexa dirá respeito.

À primeira vista, poderá parecer que se trata do acesso a alguma «sorte» ou um caminho agrícola. Mas não. Por certo que, os mais

atentos, já a localizaram: trata-se, nem mais, nem menos de uma vista parcial actualizada da badalada «Variante do Gerês».

Iniciada com fins eleitoralistas, (que saíram furados...) as obras de Santa Engrácia parecem nunca mais terem fim, apesar de a sua inauguração ter sido anunciada para Agosto de 1989. Agora, e pelos vistos,

vai ter de aguardar pelos dinheiros da CEE, embora ninguém saiba quando é que eles irão chegar, se é que algum dia isso irá acontecer. Mais do que uma «vergonha da nossa terra», este mamarracho é a vergonha das vergonhas para quem, habituado à terra fresca, a idealizou e começou. Resta saber se a irá acabar...

Rio Caldo

NÓS POR CÁ...

—Então, prezado amigo, as amêndoas não te fizeram mal?

—Nem mal, nem bem. Sabes dos meus problemas de saúde que me recomendam muita cautela com a doçaria...

—Quer dizer então que passaste uma Páscoa amarga, não é verdade?

—Amarga não direi, pois já estou habituado a tal dieta. Mas um pouco aborrecida, isso sim.

—Então, porquê? Não comemoraste junto dos teus

a Ressurreição de Jesus Cristo?

—Claro que comemorei. E nesse aspecto, tudo bem. O pior é que, nesse dia, alguém me mostrou um folheto que se publica lá para as bandas de Braga onde, em tão poucas linhas, se referiam tantas e tais aldrabices sobre o nosso concelho que, sinceramente, me deixaram mal disposto.

—Conta-me lá isso, velho amigo, conta! Eu bem desconfiava que algo de especial me tinhas para dizer...

—Olha, para te contar tudo não chegaria uma tarde

inteira. Por isso, o melhor é ficar para outra vez.

—Isso, não. Fico em «pulgas», se me não contares nada.

—Então, por hoje, toma nota: Sabias que já começaram, segundo esse folheto, as obras de construção da marina e do centro náutico cá da nossa terra?

—O quê?! Essas obras já começaram?! Mas, «qué» delas?

—Ora, ora! No papel, onde havia de ser!...

C.G.

FACHO

ESTILO QUALIDADE
FABRICADO
EM PORTUGAL

Fábrica de
fatos
casacos
calças

de alta categoria!

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

Ponte dos Falcões

Telefone 71210

Maximinos - 4700 Braga

Telex 32288 Facho

ESTAMOS EM CONTACTO COM OS NOSSOS
EMIGRANTES ESPALHADOS PELO MUNDO

DO HOMEM AO CÁVADO...

Figueiredo

A NOSSA PÁSCOA

Como nos demais anos, a nossa Visita Pascal foi no Domingo de Páscoa, com duas Cruzes.

O elenco de mordomos, do qual fez parte o nosso assinante Sr. António Carvalho Pinheiro, radicado em França, e a comunidade paroquial, que evidenciou um comportamento exemplar, estão de parabéns.

O Sr. Manuel António da Costa, seus filhos e genros, são os mordomos para 1990-91.

PEDIMOS DESCULPA

As nossas notícias, publicadas em 29 de Março último, apareceram como sendo de Choreense, Terras de Bouro.

Porque o seu conteúdo se reveste de grande interesse, aconselhamos a leitura daquele noticiário e solicitamos que nos seja relevada a referida graha.

TROVOADAS

No princípio da manhã no dia 23 de Março último, fomos surpreendidos por trovões assustadores.

Uma das descargas eléctricas atingiu directamente parte dos lugares de S. Veríssimo, Ribeira de Baixo e Chãos, tendo provocado danos materiais consideráveis nas casas do Sr. Dr. AMÉRICO e do Sr. ARNALDO AZAMBUJA.

Muitas pessoas, daqueles lugares, viveram momentos de angústia. E a Sr.ª D. FERNANDA AZAMBUJA quase podia ter aparecida electrocutada.

ACIDENTE

Pelas 12.30 horas do dia 4 deste mês, verificou-se mais um acidente de viação, no cruzamento das Cales, por causas inexplicáveis.

A viatura sinistrada, que vinha dos lados do Gerês, embateu, com violência, nos muros do quintal da Ritinha, quedando-se, fora de mão, alguns metros abaixo do local do embate.

CUIDADO COM OS CÃES!

A esposa do Sr. Arantes, e filha do nosso assinante

Sr. José Maria da Silva, da Quinta do Sol, foi gravemente mordida por um cão, tipo «pastor alemão», que possuem.

Embora já se encontrasse curada e de excelente saúde, chegou a estar de cama, alguns dias, com temperaturas elevadas.

OS NOSSOS DOENTES

— Na primeira semana deste mês, os irmãos Ginha e Chico, filhos do Sr. António Loureiro, do Larginho da Ribeira de Cima, foram operados, com êxito, no Hospital de S. Marcos, ao pescoço e nariz, respectivamente.

— A Gregória Moleira apresenta, há uns tempos, sintomas de progressivo desequilíbrio mental.

Já foi atropelada diversas vezes e continua a constituir-se vítima de um possível atropelamento mortal.

ANIVERSÁRIOS

— Em 14 do mês em curso, a Mãe do nosso Rev.º Pároco, residente em Priscos, Braga, fez oitenta e três anos.

Parabéns, Sr.ª D. Custódia.

— O nosso assinante Sr. Artur Gonçalves Félix, do Lugar Novo, completou sessenta e seis anos de idade.

Comemorou-os festivamente, juntando à sua volta, num almoço-conívio, muitos dos seus familiares.

Seja por muitos anos.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Liquidaram, por mais um ano, o custo das respectivas assinaturas, os Srs António Rodrigues Martins, da «Drogaria Martins», e José Andrade do Vale, de S. Sebastião.

E, por mais dois anos, os Srs António Carvalho Pi-

nheiro, emigrante em Vaulnaweys le Haut (França); Augusto Carlos Pereira, residente em Anemasse (França); e Veríssimo Andrade do Vale, radicado em Montreal (Canadá).

Os nossos agradecimentos.

Cap. Araújo



O sr. D. Carlos Pinheiro, bispo de Dume e auxiliar de Braga, visita uma unidade fabril instalada em Figueiredo, acompanhado do presidente da Câmara de Amares, eng. José Carlos Macedo, do pároco de Figueiredo, padre dr. Custódio Pinto, e do nosso correspondente em Figueiredo, sr. capitão Araújo

Amares

ASSUNTOS A SOLUCIONAR

Temos conhecimento de que se iniciaram as negociações entre a Câmara e a Senhora D. Maria Campos no sentido da edilidade comprar os terrenos destinados à Feira Anual que todos os anos se realiza pela primeira.

Tal terreno pode e deve servir para outras realizações, deixando de se usar para corridas e divertimentos diversos. Bom é que as partes cheguem a acordo, acertando os números, tendo em conta que se trata de uma obra de benefício colectivo.

Mandaram cortar as silvas e o mato que subiam pelas paredes do edifício que deve servir, quando acabado, de **Domus Municip-**

palis. Foi bem feito. Mas o que todos querem é que surja o dinheiro para acabar este imóvel de que o Concelho precisa. Consta-nos que o sr. presidente da Câmara Municipal tem

peregrinando com interesse junto de quem de direito para ver se acende a luz verde.

Para quando a prometida sinalização da vila? C.

Proselo

ESTRADA MARGINAL

Vimos a Cruz Pascal e seus acompanhantes passarem em carros ligeiros, do lugar da Ponte do Porto para a parte de Proselo propriamente dita. Isto dá-se porque a freguesia é cortada a meio pelo lugar de Ombra, que pertence a Ferreiros, e só há estrada que vem à Feira Nova, para

fazer a ligação entre os dois polos de Proselo.

Aqui está mais um assunto que se resolveria com a estrada marginal Ponte de Bico-Ponte do Porto, em que o novo presidente da Câmara pensou. Mas a dita estrada resolveria muitos mais e seria uma obra de vulto. É certo que também vai cortar muita coisa. C.

RESTAURANTE ABADIA

(JUNTO AO SANTUÁRIO)

de

HERDEIROS DE JOÃO BAPTISTA DE JESUS ANTUNES

ESPECIALIDADES:

- Bacalhau
- Papas de Sarrabulho
- Cozido à Portuguesa
- Cabrito, Leitão, etc.

BONS VINHOS DA REGIÃO

SALAS COM CAPACIDADE PARA 700 PESSOAS

- Casamentos
- Baptizados
- Aniversários
- Reuniões de Curso
- Confraternizações

MARQUE A SUA MESA PELOS TELEFONES 37139/37171

ABERTO TODOS OS DIAS

SANTA MARIA DE BOURO

(Junto ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia)
4720 AMARES

PADARIA UNIVERSAL

DE *António José Fernandes*

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO
E PRODUTOS AFINS

FABRICO E VENDA DE PÃO ESPECIAL AOS DOMINGOS PARA
TORNAR O SEU ALMOÇO MAIS APETITOSO
O PÃO É O MELHOR E MAIS BARATO DOS ALIMENTOS
PREFIRA O DA **PADARIA UNIVERSAL**

TELEFONE 66125

SANTA MARIA DE BOURO • AMARES

QUE FIZERAM OS PORTUGUESES EM ANGOLA

IX — OS «CAPITÃES DE ABRIL» NA ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO DO ULTRAMAR

Quando em 1974 eclodiu em Lisboa a «revolução dos cravos» era governador geral de Angola o coronel Rebocho Vaz. Homem prudente e com um profundo sentido da equidade, não se sentiu com coragem de anunciar à Província o que então acabava de se consumir na Metrópole: Quando a maioria dos habitantes era já conhecedora dos factos através de emissoras estrangeiras e telegramas familiares, passados cinco dias o governador fez o seu comunicado oficial.

As populações, com grande expectativa, convergem todas as atenções para Lisboa seguindo atentamente o desenrolar dos acontecimentos.

O governador é exonerado pelo Conselho da Revolução e substituído por um dos homens que melhor nome deixou em Angola como anterior governador. Tratava-se do general Silvino Silvério Marques que voltava a Angola já como alto comissário para a independência do território. Este chefe político e militar, com onze filhos e profundamente católico, é recebido no aeroporto com a maior das indiferenças, por um punhado de pessoas de diversas etnias que ostentavam um enorme cartaz onde se lia: «Silvino vai-te embora porque cá já não tens lugar».

Num espírito altamente moderador e conciliador, multiplica as suas deslocações em todas as latitudes dialogando com bispos, chefes militares, governadores de distrito, chefes tribais e sobretudo com representantes dos três partidos políticos: — MPLA, FNLA, UNITA.

Profundamente conhecedor da problemática angolana, queria preparar o potentado para uma independência pacífica, coexistente e sem sangue. Mas os homens bons e rectos têm sempre por detrás um punhal. Silvério Marques ignorava que toda a costa marítima já estava totalmente controlada por soldados cobanos, sobretudo do rio Zaire até ao Lobito numa extensão de 580 quilómetros. No alto mar, durante a noite, os submarinos e barcos de guerra soviéticos e cubanos assumavam à superfície das águas e com holofotes potentíssimos focavam as cidades e toda a orla marítima para instabilizar os europeus porque a grande maioria dos negros dessas áreas já estava politizada. Viam nesses monstros marinhos os próximos libertadores.

O exército português que dispunha por essa altura de cem mil homens em toda a Província recebia ordens formais de Lisboa para não actuar. A sua acção era apenas de simples presença.

O homem que acalentava uma restia de esperança — Silvério Marques — é misteriosa e ignobilmente substituído pelo «capitão de Abril» almirante Rosa Coutinho. Enigmáticamente é recebido em triunfo e em grande cortejo desde o aeroporto até ao palácio governamental pelos pretos politizados liderados por europeus leninistas.

Três dias após a sua tomada de posse, os militares portugueses começaram a passar a pente fino todas as casas dos europeus, confiscando-lhes as armas e utensílios que pudessem ser usados como armas brancas. Vão deixando de casa em casa uma «mensagem»: — O exército vai regressar a Lisboa e aconselhamos que façam o mesmo porque em Angola vai correr muito sangue.

Para consumação de uma psicose macabra, as ditas armas e demais utensílios vão sendo vistas sucessivamente nas mãos dos pretos; vão aparecendo cartas e panfletos nas portas: — Branco, os teus dias estão contados; se queres salvar a pele, fuge para a tua terra.

Almeida Santos, ao tempo ministro do Ultramar, acorre a Luanda porque os brancos vão-se amotinando frente ao palácio governamental. Aparece às barandas do mesmo palácio e grita bem alto: «Eu sou tão português como vós; tende confiança porque o Governo está convosco». Ao estontear de assobios, o povo criva-o de ladrão e traidor, vendedor do Ultramar aos soviéticos. Quando aquela gente dilacerada se preparava para assaltar o palácio, lança-lo abaixo e esmagá-lo como na Revolução de 1640 fizeram ao conde Andeiro, este sai secretamente pelas traseiras, mete-se no avião e foge para Lisboa. Não foi por acaso que este senhor no ano transacto vai aos Açores e ali é espancado porque os açorianos sabiam e sabem que Almeida Santos tendo, como vários capitães de Abril, requezas colossais no Ultramar, venderam o Zé povo por um prato de lentilhas para continuarem senhores feudais aquém e além mar. Como se compreende que este dito ande de governo em

governo, ora como ministro, ora como deputado sempre na mó de cima a atacar tudo e todos e a ferir até o próprio cristianismo? Ainda há meses respondia na Assembleia da República ao bondoso, inteligente e católico ministro da Educação: — «Senhor ministro, reconcilie-se para ser absolvido das suas culpas». Num estilo gongórico-satírico, dispara catalinadas em todas as latitudes para abafar um «socialismo multi-latifundiário à boa maneira dos antigos senhores do Krenlin».

Rosa Coutinho, também ele pleni-latifundiário em Angola, manda regressar os três líderes políticos, Agostinho Neto do MPLA, Holden Roberto da FNLA e Jonas Savimbi da UNITA. Mas também aqui vai usar de alta traição porque como bom funcionário e laçao de Moscovo, passa a defender Agostinho Neto, braço armado de Cuba e da URSS. E os dois restantes, até ao dia de hoje são apunhalados pelas costas. Em cada um havia objectivos bem definidos: Holden pretendia restaurar o antigo reino do Congo com o auxílio de Brazzaville, de Kinchassa, da China e indirectamente da

América. Savimbi, homem dos muilas e conhamas — reinos do Sul — totalmente abastecido pela África do Sul e pela América, é altamente surripiado aquando da sua chegada a Luanda. Homem metódico e prudente torna-se a arma mais difícil de escamotear para colocar no poder Agostinho Neto conforme os acordos secretos de que falaremos em seguida.

Aparentemente a tropa portuguesa já então toda comunizada tomava uma posição neutral(?) Mas não camuflava um descarado proteccionismo ao MPLA porque o patrão era o mesmo: — Moscovo. Este partido assim apoiado e apadrinhado, já numa prova de força e autoritarismo vai dando largas ao seu espírito de vingança e de hegemonia, com as actuações mais arbitrarias e repugnantes.

Estava eu a preparar-me para a Missa vespertina das seis da tarde na moderníssima igreja de Novo Redondo onde então era pároco. Era uma igreja constituída quase somente de vitrais do chão ao tecto. Vieram avisar-me que os chefes do MPLA estavam a colar

enormes cartazes propagandísticos nos ditos vitrais. Dirigi-me ao comandante e procurei fazer-lhe compreender que as suas próprias leis não permitiam afixar cartazes nas igrejas. Como era de esperar, reagiu mal.

Afirmou que os padres foram os que mais gente mataram e prenderam em 1961. Pedi-lhe para me citar um único caso em que eu estivesse envolvido. Mudou de assunto, afirmando: «Daqui a um quarto de hora passo por aqui; se os cartazes não estiverem no mesmo lugar o senhor vai preso». Cumpriu a palavra. Pouco tempo depois entrou uma força armada na igreja com cinco metralhadoras em punho. E diante de mais de mil fiéis que estavam no culto deram-me voz de prisão. Fizeram-me subir para uma carrinha — para a carroçaria — e deram a volta à cidade a businar com o padre de batina no alto do veículo, a anunciar a toda a cidade que o padre estava preso. Chegados ao quartel, meteram-me num cubículo nauseabundo, com sangue por todos os lados. Diversas vezes entraram soldados com uma palmatória enorme. Faziam

sempre a mesma pergunta: «O camarada não sabe que não se pode arrancar cartazes?» Ao que eu respondia também sempre no mesmo tom e com a mesma pergunta: — Se arranquei, digam quem viu; se não, porque me prenderam? Cá fora os mesmos soldados iam-se dividindo. Uns afirmavam que o padre estava inocente. Outros que tinha de ser castigado para exemplo.

Mas o mais importante da questão é que na cidade havia o quartel da tropa portuguesa com uma companhia. À meia noite entrou na prisão o comandante português e disse-me para sair. Ainda-lhe afirmei que não sairia enquanto não me dissessem porque me prenderam e porque é que os militares portugueses não me defenderam. Secamente afirmou que era melhor sair e ir-me embora.

Como acima afirmei, o exército português estava altamente comprometido com a perspectiva do MPLA. A partir de então a cidade entrou em pânico e foi, como veremos, a mais litigante de todo o território.

A. Neves

APONTAMENTOS DA MINHA AGENDA

COMO VAI O NOSSO CONCELHO DE AMARES?

Por: MANUEL TEIXEIRA

Acho que não é segredo para ninguém, que nas últimas eleições autárquicas o povo deste Concelho de Amares resolveu pôr ordem na sua casa, o que aliás já ia sendo tempo e é claro, foi a equipa do CDS que beneficiou deste favor do eleitorado para grande surpresa de muita gente.

Agora pouco interessa saber qual o partido mais ou menos válido, o que interessa é ver que os Senhores Vereadores membros deste Executivo e os Senhores Deputados Membros da Assembleia Municipal, arregacem as mangas da camisa e trabalhem, porque o Concelho de Amares é sem dúvida uma das raras terras que eu tenho visto onde há ordem e disciplina na construção de habitações, caminhos, regadios à lavoura, o nosso tradicional vinho verde a laranja, etc., etc.

Assisti recentemente a uma dessas assembleias do Executivo de Amares e, digamos de passagem que encontro as coisas muito fraquinhas e como já era hábito no outro anterior executivo; há sempre qualquer coisa que falha. Digo isto, ou porque há na verdade grandes falhas profissionais, ou certos vereadores e funcionários assistentes conhecem mal o seu trabalho, ou pode ser que eu esteja enganado; ou então estou mal habituado dadas as facilidades em que trabalhei em governos altamente organizados onde não era admitido nem sequer um pestenejar de olhos. Uma coisa é certa, estou interessado em ver o desenvolvimento da nossa terra e vou concerteza seguir muito de perto tudo quanto ali se vai dizer e, vêr o trabalho dos nossos distintos novas autárquicas.

A NOSSA EMIGRAÇÃO EM FRANÇA

Comentava eu, nesta crónica, na última edição do jornal «A Voz da Abadia», a emigração portuguesa em França mas, muito em especial a de Dax que me pareceu muito activa e muito válida, mas esquecida pelas autoridades portuguesas cá em Portugal e Consulado de Portugal nesta região.

Não quero de forma alguma fazer uma crítica serrada aos Senhores Deputados responsáveis neste sector, ao Dr. Correia de Jesus, Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas e Emigração, mas pôr as coisas no seu devido lugar.

Para dar razão à minha observação relacionada com os valores da nossa emigração, foi recentemente à França o Sr. Professor Dr. Cavaco Silva, nosso Primeiro Ministro e teve a ousadia de se encontrar com estas gentes e ali verificou que temos fora do País uma grande riqueza para explorar... que é a nossa emigração e o seu poder económico, o Turismo e as relações com o mundo inteiro.

Há cá em Portugal um mau hábito, até uma certa frieza para com as nossas gentes que foram até ao estrangeiro ganhar a sua vida e fazer até o que em Portugal não lhes seria permitido. Mais ainda e, isto é moeda corrente só nos lembramos deles para lhes pedir donativos para festas, instituições, obras patrióticas, etc., etc., mas quando chega a nossa vez de oferecermos alguma coisa, há isso já não é comigo, etc.

Folgo muito ver que os nossos governantes ponham ordem nestas relações junto dos quatro milhões de irmãos nossos, que vivem e trabalham no estrangeiro e, nós, cá o povo da terra, um pouco mais simpáticos para com eles; porque afinal, poucos são eles os que precisam de nós.

GRANDE PROGRESSO EM CURSO EM AMARES

Os nossos estimados leitores viram na nossa última edição, muitas das coisas grandiosas que o Concelho de Amares está a realizar, graças a Deus.

Vamos muito tarde mas vamos, e vamos a sério, muito embora haja alguém pouco interessado neste desenvolvimento e é claro vota sempre contra tudo e contra todos. Custumo chamar a isto, política de meia tigela e gente desonesta.

(Continua na última página)

FIGURAS TÍPICAS DO GERÊS

O ZÉ SERRALHEIRO

(VIII)

POR: AGOSTINHO DE MOURA

Amigo que muito prezamos e que, apesar de não ser natural da nossa terra, aqui viveu alguns anos da sua juventude e cá se desloca anualmente roído pelas saudades, escreveu-nos, há dias, das proximidades de Lisboa, onde está radicado, a falar-nos, entre outros assuntos, do nosso jornal e, evidentemente, do Zé Serralheiro que também conheceu.

E dizia-nos: não haja dúvidas que o José Maria Gonçalves—nome verdadeiro do «Rei dos Fogões»—foi uma figura ímpar do Gerês que bem merece ser recordada pela extraordinária riqueza da sua maneira de ser e de estar na vida. Pena que—adiantou esse nosso amigo—as suas enormes potencialidades não tivessem sido devidamente aproveitadas, pois quem com ele privou de perto reconhece que possuía enormes qualidades que poderiam fazer dele um actor de teatro de renome.

Este testemunho insuspeito reforçaria uma opinião de que, aliás, também partilhámos e ajudou a contribuir para que, de há alguns anos a esta parte, nos lançássemos na

recolha de depoimentos orais e escritos, acerca dessa figura ilustre e inesquecível como foi a do nosso Zé Serralheiro.

Reconhecemos que, nestas pinceladas necessariamente breves mas adornadas com alguma literatura, que temos vindo a fazer sobre este vulto e as Termas do Gerês, no período compreendido entre 1930 e 1960, haja já quem se tenha interrogado e até frontalmente nos tenha interrogado: mas, afinal, quando acabam as crónicas ou essa «lenga-lenga» do Zé Serralheiro?

Diziam os latinos que «a variedade delicia o homem». Aceitando embora a veracidade de tal princípio, o certo é que o extenso rol de peripécias atribuídas àquela inesquecível figura é de tal ordem que nós próprios, por vezes, nos sentimos indecisos quanto à selecção que, forçosamente, há que efectuar com as mesmas.

Mas, descansem os leitores mais exigentes que têm a canseira de ler estas crónicas pois prometemos encerrar este tema, pelo menos para já, dentro em breve. Com uma certeza, porém: a de que

irá ficar ainda muita coisa por contar a respeito desta figura típica do Gerês que escolhemos para recordar, em merecido primeiro lugar, entre outras que, futuramente, esperamos trazer às páginas deste jornal.

Voltando então ao nosso «Rei dos Fogões»—designação que, tal como já aqui referimos, lhe era particularmente cara e até usava com fins publicitários—ele fez parte da Legião Portuguesa, em organismo militarizado que constituiu um dos baluartes de Salazar e teve no Gerês uma pequena célula, a que pertenceram alguns geresianos, parte deles ainda felizmente vivos e cujos nomes achamos preferível omitir pelos melindres que, politicamente, tal possa ainda significar.

Os legionários tinham farda própria, de cor esverdeada, a qual só usavam em dias festivos para aquela organização extinta com a chegada do 25 de Abril. E entre outras

prerrogativas, dispunham também do uso de uma arma de guerra—privilegio de que o Zé Serralheiro se soube sempre aproveitar, ao contrário do fardamento que só vestia em dias de desfile ou exercícios em Braga, fazendo-o, porém, com certa vaidade e altivez.

Talvez porque com a farda de legionário não desse tanto nas vistas, nem infundisse tanto respeito ficou famosa entre nós aquela tirada do Zé Serralheiro quando, um belo dia, apareceu em Rendufinho—Póvoa do Lanhoso, donde era natural, fardado de tenente da Guarda Fiscal.

Conforme é sabido, e aliás já a isso nos referimos ao longo destas crónicas, ele possuía casa e oficina em Rendufinho, as quais viria a reocupar após a sua retirada do Gerês nos finais dos anos cinquenta.

Morando e trabalhando ainda na nossa terra, recebeu, certo dia, um telefonema dos seus familia-

res a dar-lhe conhecimento de que um seu cão de caça, por quem tinha grande apreço e estima, havia sido roubado.

Tal facto preocupou-o sobremaneira e, sagaz como era, pensou lá com os seus botões: «para grandes males, grandes remédios». E o remédio mais eficaz que ele encontrou para tentar resolver tal situação foi o seguinte: por aquela altura, como andava a arranjar umas canalizações na residência do tenente da nossa Guarda Fiscal—hoje uma «dolorosa» saudade...—reparou que, lá num canto da casa, se encontrava uma farda velha do comandante que, disfarçadamente, numa ocasião em que se encontrava sozinho, meteu na caixa da ferramenta, antes de findar o trabalho naquele dia.

No dia seguinte, inventou pretexto para ir a Rendufinho, invocando a doença da sogra. Chegando lá, vestiu-se a rigor com a farda do tenente da

Guarda Fiscal e, altivo, dirigiu-se para o local onde desconfiava que o seu cão poderia encontrar-se.

Durante as diligências efectuadas para a procura do seu dedicado cão de caça, viria a averiguar que, afinal de contas, o animal havia morrido. E chorando a sua morte, acabaria por lamentar as canseiras e os riscos corridos e, antes que fosse descoberto, apressou-se em regressar a casa para despír tal farda, receando que algum «mirone» mais atento ao pouco aprumo das suas pernas ou à troca dos bb pelos vv, o denunciasse e lhe causasse naturais complicações de vária ordem.

Desolado por razões facilmente compreensíveis, regressaria, de novo, ao Gerês, colocando a farda no local onde a havia encontrado sem, claro está, nada dizer do que se tinha passado ao proprietário da mesma.

Até à próxima!



APONTAMENTOS DA MINHA AGENDA

(Continuação da página 7)

Ora então novas fábricas, novos empreendimentos comerciais turísticos, novas estradas, já terreno para os Bombeiros Voluntários, os acabamentos nas novas instalações dos Paços do Concelho e uma das obras de que ainda aqui se não falou, uma nova capela ampla e digna da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia do Concelho de Amares, obra esta já em curso, situada entre o Centro de Saúde e o Infantário na freguesia de Ferreiros.

Esta obra é uma grande necessidade, não pelo serviço a que se destina, mas também com uma dupla finalidade e é aqui que eu considero uma grande necessidade, e dou também a minha colaboração como Irmão e com o meu apoio financeiro.

Tenho visto cá nas nossas terras, quando morre uma pessoa, é claro pelo menos umas 24 horas o seu corpo é exposto em câmara ardente numa das dependências da casa. Já viram os meus amigos o problema que isto vai causar numa casa com poucas condições, já viram também o problema psicológico, que estes tristes acontecimentos vai causar às famílias, aos jovens ou pessoas idosas que vivem na casa, as visitas que se recebem e em que condições. À imagem do que se está passando no estrangeiro e nessas terras mais evoluídas, esta capela vai servir como lugar de câmara ardente, para qualquer pessoa do nosso Concelho interessada em eliminar estes problemas na sua própria casa e nas famílias, etc., etc.

Se os nossos leitores acharem que se trata de uma obra de grande utilidade pública e de interesse para a nossa sociedade, devem contribuir com a sua ajuda financeira comunicando para Santa Casa da Misericórdia—4720 Amares. Por experiência própria, sei muitíssimo bem que quando a obra estiver terminada, toda a gente vai recorrer aos seus serviços, por isso não guardem para a manhã o que devem fazer hoje, porque amanhã já será tarde e, não haverá lugar para si.

LAR PARA A TERCEIRA IDADE

Fala-se também para breve o início das obras para a construção de um Lar para residentes da Terceira Idade. Também já vamos muitíssimo atrasados, mas parece que desta vez vai ser verdade, porque temos uma grande falta neste sentido. Vejamos: Vila Verde que luxuosa vivenda para os da Terceira Idade, Póvoa de Lanhoso o chamado Asilo de S. José fundado nos anos 1940. Hoje chama-se Lar de S. José, e com maravilhosas instalações, hospital, etc. e nós cá em Amares...

Também graças a Deus; agora vamos lá e, além de um prestigioso Lar para a Terceira Idade, era urgente um serviço de saúde não só de dia como funciona, mas também durante a noite e, para breve a construção de um hospital a exemplo da Póvoa de Lanhoso e de Vila Verde.

PONTO(S) DE VISTA

A insistente polémica gerada em torno da abertura permanente da fronteira da Portela do Homem parece estar a transformar-se numa autêntica bola de neve, de efeitos imprevisíveis.

A torto e a direito, esgrimem-se os mais variados argumentos, todos eles na defesa de uma «bela dama», sem dúvida, mas incompreensivelmente degradada e voltada ao mais cruel dos abandonos—o malogrado PNPg.

Embora se reconheça a justeza, até certa medida, dos argumentos que apontam para os malefícios que o funcionamento da fronteira poderá ocasionar, pensamos que, também aqui, e de uma forma manifesta, se estará a «pôr o ramo num lado e o vinho noutro». Ou seja: será a fronteira o principal «cancro» que está a minar e a ameaçar, seriamente, o futuro do Parque Nacional?

Que responda quem quiser e souber. Porém, há quem pense—e nós também—que tudo isto se poderia evitar se se mantivesse o anterior esquema da abertura periódica da Portela do Homem. Mas, teimosamente e com evidentes intuítos eleitoralistas, houve quem assim não pensasse.

E «quem tudo quer, tudo perde»!...

A. M.